Direção editorial: Ana Kelma Gallas
Diagramação: Kleber Albuquerque Filho
Editor OMP: Eliezyo Silva
Imagem da capa: Karine Gallas

LESTU PUBLISHING COMPANY
Editora, Gráfica e Consultoria Ltda
Avenida Paulista, 2300, andar Pilotis
Bela Vista, São Paulo, 01310-300, Brasil.
(11) 97415.4679 | editora@lestu.org | www.lestu.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G641 GONTIJO, Fabiano.
Corpo, sexo, gênero: estudos em perspectiva / Fabiano Gontijo (Org.). — São Paulo, SP: Lestu *Publishing Company*, 2021.

273 p. *online*
ISBN: 978-65-996314-2-9
DOI: https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9

1. Identidade de Gênero. 2. Teoria *Queer*. 3. Sexualidade. 4. Corpo. 5. Sociologia. I. Autor(a). II. Título. III. Lestu. IV.

CDD: 306.7

Índices para catálogo sistemático:
1. Gênero e sexualidade: Aspectos sociais: Sociologia: 306.7

FABIANO GONTIJO
[ORG.]

CORPO, SEXO, GÊNERO

ESTUDOS EM PERSPECTIVA

Vinte anos depois: contextos, espaços e sentidos[1]

Pâmela Laurentina Sampaio Reis[2]

> "Hoje, iremos ao Clube da Esquina, localizado na Avenida Dom Severino (Zona Leste da Cidade). Ainda não o conheço, apesar de ter frequentado o seu antigo formato que funcionava na mesma Avenida, porém em outro prédio e com outro nome. Lá, as atrações variavam entre a proposta da MPB, bossa nova e samba. Em noites especiais, aconteciam tributos a Clara Nunes. Nesse sábado, a atração no novo endereço é samba! Fabrícia entrou em contato por volta das 16h. Fez o convite informando que a "turma" estaria lá. Aceitei. Indaguei sobre outros eventos que aconteceriam naquela noite e ela disse que não sabia, mas que sairia para lugares na zona leste. Essa conversa me fez lembrar de outras, com Ana e Lorena, por exemplo, que diziam preferir essa zona a outras da cidade. Percebi essa preferência, apesar de frequentarem outros espaços em outras zonas. No entanto, é na zona leste onde residem e procuram os serviços e os circuitos de lazer". (Diário de campo, setembro de 2013).

As interlocutoras que compõem o universo desta pesquisa apresentam afinidade ou preferência pela zona leste, conforme demonstra a descrição acima, trecho do meu diário de campo; embora frequentem outras áreas da cidade. É comum escutarmos em Teresina sobre a zona leste da capital como a área que congrega os "melhores" espaços de lazer, bairros residenciais, condomínios, os mais conceituados restaurantes, bares, boates, representando um conjunto de lugares de frequência mais elitizada.

---

1 Extrato da dissertação "ENTRE REDES: Mulheres, afetos e desejos", defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), em 2015.

2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Mestra em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pesquisadora associada ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (UFSC). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES).

Em *"Redes de sociabilidades gays em Teresina: lógicas e pertencimento",* Ana Kelma Cunha Gallas (2013), ao analisar os locais de frequentação do público não heterossexual[3], verifica no universo da sua pesquisa associações entre o lugar em que residem com a situação de status, evidenciando que, para alguns, morar na zona leste confere certa distinção social e, por outro lado, morar fora dessa, confere um desprestígio social, a exemplo, residir nas zonas sul e norte. Afinal, o que fez dessa zona uma área nobre? Para responder a essa pergunta, é necessário fazermos uma contextualização da cidade.

Teresina: uma breve contextualização

Teresina teve seu desenho cuidadosamente planejado, porque foi construída para ser estrategicamente a nova capital do Piauí. Foi projetada pelo Conselheiro Saraiva, tendo como traçado geométrico a forma de tabuleiro de xadrez:

> O homem é um ser desejante e a cidade sonhada por Antônio Saraiva deveria se transformar em centro dinâmico da economia e sociedade piauienses. Foi pensada para alavancar o progresso no Piauí, e sua posição do ponto de vista geopolítico a indicava como o motor do desenvolvimento da Província. Tenha a cidade nascido na "Chapada do Corisco" e, alcançado o seu desiderato ou não, foi desejada. Assim como Isidora era a cidade dos sonhos de Marco Polo, Teresina era a cidade dos sonhos de Saraiva. (NASCIMENTO, 2006, p.199).

O Plano Saraiva, executado em 1852, foi seguido rigidamente com as vias dispostas no sentido leste-oeste e norte-sul até o limite da Avenida Miguel Rosa, que não estava no traçado original, cortando a cidade no sentido norte-sul, margeando a estrada de ferro São Luís-Teresina (inaugurada em 1922).

A capital está localizada, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no centro norte piauiense, com uma população de 814.230 habitantes. A cidade é subdividida em quatro zonas político-administrativas: norte, sul, sudeste e leste, além de áreas fora do perímetro urbano e do centro. Ela é situada entre dois grandes rios, o Parnaíba e o Poti. As transformações espaciais em Teresina entre as décadas de 1940-1950 foram determinantes para o crescimento horizontal da cidade. As zonas

3 Expressão utilizada por Gallas (2013) com a intenção de superar a oposição de caráter binário entre heterossexualidade-homossexualidade, a partir das contribuições de autores, como Judith Butler (2003). Contudo, respeitando as autodenominações dos seus interlocutores.

norte e sul destacaram-se com a construção de vários bairros, a exemplo do Mafuá, Vila Operária, Vila Militar, Feira de Amostra e Matadouro. Já a zona sul teve sua expansão determinada pelos bairros Piçarra, Vermelha, São Pedro e Tabuleta, preenchendo os espaços entre os rios Poti e Parnaíba. O limite da expansão do espaço urbano estava compreendido entre as avenidas Miguel Rosa e Frei Serafim. Em meados da década de 1950, desenvolveu-se a rede de transporte rodoviário e o aperfeiçoamento do setor de comunicação, contribuindo para a dinamização do estado e da cidade. Segundo Bartira da Silva Viana (2005), a construção da barragem de Boa Esperança – acompanhada do desenvolvimento dos setores administrativos, financeiros, creditícios –, e a ampliação do comércio varejista foram fatores que provocaram o crescimento socioeconômico da capital em muitos aspectos, dentre eles a expansão em um sentido leste-nordeste, preenchendo novas áreas além do Poti, após a criação da Ponte dos Noivos, como os bairros de Fátima, Jóquei e São Cristóvão.

Cristina Cunha de Araújo (2009), em seu trabalho *Trilhas e Estradas: a formação dos bairros Fátima e Jóckey Clube (1960-1980),* ao analisar os processos de urbanização e as ações dos agentes modeladores do espaço que contribuíram para a viabilidade de povoamento desses bairros, chama a atenção para marcos importantes, como a criação de um hipódromo por um dos proprietários de terras na região, o Coronel Otávio Miranda. Assim:

> As primeiras edificações de aproveitamento coletivo foram a pista de corrida para cavalos e a ponte Juscelino Kubitschek, ambas realizadas na década de 1950. Esses elementos foram cruciais para a materialização da idéia de zona nobre que se queria alcançar e, para divulgar, utilizavam-se propagandas publicitárias nos periódicos locais, principalmente os jornais. O discurso produzido pela imprensa local ou por moradores dos bairros serviram para consolidar aqueles locais como sendo bairros nobres. Até a atualidade essa imagem é reproduzida na cidade. (ARAÚJO, 2009, p. 67).

Segundo a historiadora, a ideia de morar em um bairro "nobre" influenciou um contingente de pessoas, atraindo a atenção do mercado imobiliário que, por sua vez, incorporou esse discurso, reproduzindo-o através de suas propagandas publicitárias que ressaltavam o novo estilo de moradia, disseminando a ideia de desenvolvimento rápido da área, assim como de novo local de moradia da elite. Formava-se, assim, um novo perfil habitacional nesses bairros que, através de investimentos e de melhorias

urbanas, o apelo publicitário e a construção do Campus da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no Planalto Ininga, contribuiu para materializar o recorrente discurso de que os bairros eram o mais novo refúgio da elite local. A ocupação da zona norte da cidade está associada, principalmente, à instalação do aeroporto e dos conjuntos habitacionais. Foi ocupada pela população de menor poder aquisitivo por se constituir em uma área de largos terraços fluviais, pontilhados com muitas lagoas plúvio-fluviais, trazendo problemas decorrentes da falta de saneamento e da convivência periódica com as inundações, que, nos anos ou períodos mais chuvosos alagam as residências e desabrigam as famílias.

A zona sul é uma região que teve uma ocupação semelhante à zona norte, originando conjuntos habitacionais, por exemplo, o Parque Piauí, constituindo-se em um indutor de crescimento da cidade para a zona sul. Outros fatores contribuíram: a topografia favorável à implementação de serviços e de consolidação de uma boa infraestrutura; o surto da industrialização que ocorria no país ainda na década de 1970, período do surgimento das várias concessionárias na cidade, refletindo a expansão do setor automobilístico. Diante disso, surgiam os mercados de autopeças e de pneus, como também as lojas especializadas em comercialização de automóveis usados. O conjunto desses empreendimentos localizou-se, na sua maioria, nos corredores das Av. Miguel Rosa e Barão de Gurguéia, na zona sul da cidade (FAÇANHA, 1998). Essa zona da cidade agregou setores especializados no comércio, também, de material de construção. Esse processo está ligado à descentralização das atividades comerciais e tornou-se evidente nos anos de 1970. Nessa década, a configuração espacial urbana de Teresina adquiriu novos aspectos devido aos fluxos migratórios[4], a intensificação da política habitacional e da modernização do sistema viário. O processo de urbanização se intensificou ao longo da década de 1980, contribuindo para o processo de descentralização comercial que, em direção à zona leste, foi mais seletivo, atendendo às necessidades da população de mais alto poder aquisitivo. Nos bairros Jockey Clube a São Cristóvão surgiram comércios especializados, possibilitando que as pessoas pudessem consumir vários produtos em um mesmo espaço, beneficiando-se de outros inúmeros serviços. Assim, estava alicerçado, nesse grupo social,

4 O crescimento acelerado que vem ocorrendo na área urbana de Teresina deve-se ao crescimento natural, associado aos elevados contingentes de imigrantes, oriundos tanto da zona rural, como de outras cidades piauienses, além de estados como Maranhão, Ceará e outros. Esses imigrantes são atraídos pelo desenvolvimento e pela adoção de inovações tecnológicas. Mesmo com a ausência de indústrias locais, desde as décadas de 1950 e 1960, Teresina passa a vigorar como polo de atração populacional. Esse fato decorre de políticas públicas de investimentos em saúde, educação, energia elétrica, habitação popular e pelo desenvolvimento da malha viária, interligando Teresina a centros estaduais e nacionais.

o imaginário de uma cidade que se insere no processo de modernização, como a maioria das cidades brasileiras (FAÇANHA, 1998; FAÇANHA; VIANA, 2013).

Em 1990, consolidou-se o processo de crescimento vertical[5] principalmente no centro e zona leste da cidade, definindo novas formas de morar e de produzir espaços. A construção de novos edifícios na zona leste de Teresina, atualmente é um mercado em expansão, e evidencia a atuação dos promotores imobiliários, tendo em vista a valorização dessa área da cidade, que está associada à valorização do solo urbano, principalmente no bairro Jockey Clube, causada pela ação dos agentes imobiliários, que passaram a divulgar que os condomínios fechados, trazem mais segurança, além do *status* social da pequena parte da população que residia naquela região (SILVA; ASSIS NETO; OLIVEIRA, 2012). É nesse processo que os dois *shoppings centers* são construídos. O primeiro, chamado de *Riverside Walk Shopping*, foi inaugurado em 1996, localizado entre a Avenida Ininga e a Avenida Raul Lopes, no bairro Jockey Clube. O segundo, *Teresina Shopping*, foi inaugurado em 1997 e fica localizado na Avenida Raul Lopes, no bairro dos Noivos. A construção deles permitiu o surgimento de condomínios fechados e de diversas atividades comerciais nas proximidades. A verticalização deixou mais evidente a segregação existente na cidade e a atuação dos agentes imobiliários, que agem sobre o espaço urbano produzindo e reproduzindo o seu capital.

Vale ressaltar que os apartamentos em Teresina passaram progressivamente a serem destinados à venda, acarretando o surgimento das atividades de incorporação e da figura do corretor. As classes médias altas foram as consumidoras dessa nova forma de habitar, acentuando, assim, o processo de segregação espacial com o progressivo esvaziamento do uso residencial da área central e a consolidação da verticalização em bairros nobres da cidade, a exemplo dos bairros de Fátima e Jóquei. (VIANA, 2005, p. 8).

Cabe ressaltar que o processo de verticalização da cidade contemplou outras áreas, a exemplo dos conjuntos Morada Nova, Tancredo Neves, João Emílio Falcão, Verde Te Quero Verde, dentre outros que são resultado da ação da Companhia de Habitação do Piauí (COHAB), indicando

5 O surgimento de condomínios residenciais na cidade de Teresina se iniciou por volta de 1970, nas proximidades da Avenida Frei Serafim, sendo que ao final da década de 1990, esse processo intensificou-se de forma acelerada, modificando a paisagem urbana da cidade de Teresina. Vale ressaltar que a construção dos condomínios Da Costa e Silva e Mário Faustino em 1984, pela Construtora Mafrense, na Avenida Marechal Castelo Branco foi um o marco inicial da atividade de promoção imobiliária privada em Teresina, representando assim o início de um período de produção de inovações nos serviços de moradia destinados às classes mais altas. (Vieira, 2005).

contradições existentes no tecido urbano diante daquele processo, apesar de seguirem lógicas diferentes que variam do perfil do consumidor ao valor das áreas que os imóveis estão localizados. É importante pontuar que a zona leste é constituída de 27 bairros, dentre os quais o bairro de Fátima, o Jockey, o São Cristóvão e o Ininga, que tradicionalmente agregam a população de maior renda na cidade. São nesses quatro bairros específicos que se concentram os espaços de sociabilidades e as residências das interlocutoras. Se, por um lado, a zona leste é atendida por uma ampla rede de comércio especializado, unidades de ensino, postos de saúde e estabelecimentos de diversão e de gastronomia, além de reunir grande parte das instituições particulares de ensino superior da cidade, por outro, encontramos na extensão dessa zona populações de baixa renda, principalmente pela invasão dos grandes terrenos, ora vazios, ora de maior vulnerabilidade ambiental, como as encostas íngremes e os fundos de vales dos riachos. Não podemos pensar nessa zona de forma homogênea, "[...] o fato é que não é possível isolar no bairro trechos significativos, habitados exclusivamente por uma camada mais rica" (VELHO, 1973, p. 27).

A valorização dessa área da cidade está associada às condições de *status* social da classe média à alta, que reside nessa região, possibilitando dizer que existe uma segregação por diferença de *status* hierárquico, na qual se reflete e reproduz uma relação de poder. Ela pode ser representada por um condomínio fechado, ou pela ação do Estado em priorizar a distribuição de mais serviços públicos para uma região (SILVA; ASSIS NETO; OLIVEIRA, 2012). A cidade é palco para as mais diversas vivências, permeada por fragmentos e complexas representações cotidianas. Por isso, foi oportuno apresentar o contexto das zonas de Teresina, pois apresentam sentidos simbólicos distintos que retratam as vivências nos espaços de sociabilidades. A partir disso, é possível apreender outros significados para as perguntas: "Onde você mora? É na zona leste?", ou "Saio apenas para os lugares da zona leste". Elas estão carregadas de valores e de marcas de distinção que refletem os sistemas de classificação que envolvem sexo, gênero, classe, estilos e outras hierarquias sociais. Com a finalidade de situar os espaços frequentados por nossas interlocutoras, parto para a próxima incursão.

Vinte anos depois: "Teresina mostra tua cara"!

Em novembro de 1995, foi apresentado um trabalho de conclusão de curso com o seguinte título: *Teresina, mostra tua cara! Configuração da Realidade Homossexual Teresinense.* Adriana Araújo Silva e Diana Márcia Lima Verde Moura trataram, nessa pesquisa, sobre a realidade dos homossexuais teresinenses nos guetos. A proposta era entender o

significado dos guetos e como eles se caracterizavam em Teresina. Para as autoras, existia uma alegria nos "guetos" que não era expressa em outros espaços de sociabilidades. A partir disso, buscaram identificar os valores que orientavam esse sentimento e o perfil do homossexual frequentador dos guetos teresinenses.

Foram feitas observações em boates, em festas particulares, em festas ocorridas em sítios e em bares que durante o dia funcionavam como lugares frequentados por heterossexuais e à noite se tornavam palco de festas *gays*. A boate observada foi a L.N.[6], considerada naquela época a mais tipicamente *gay* de Teresina, localizada no centro da cidade. Lá, recebia um público diverso "[...] com vários tipos de homossexuais: os entendidos, as travestis, os transformistas, os enrustidos, os simpatizantes, os michês, e até as prostitutas" (SILVA; MOURA, 1995, p. 22). Conforme dizem as autoras, as "prostitutas" eram em sua maioria da Bete Cuscuz e frequentavam a boate com a intenção de encontrar companhias femininas para trocas de companheirismo, carinho e compreensão, ao contrário dos michês, que procuravam fazer programas (SILVA; MOURA, 1995).

A casa da Tia Araci era um bar conhecido como clube da Luluzinha, frequentado somente por homossexuais femininas. O bar funcionava no quintal da casa da proprietária, a Araci, localizada no centro da cidade. Segundo Silva e Moura (1995), as mulheres que ali frequentavam buscavam o isolamento da presença masculina, ou seja, homens héteros e *gays* não eram convidados. As pesquisadoras argumentam sobre uma nostalgia naquele lugar "[...] talvez pelo fato das frequentadoras se aproximarem, ou até serem da terceira idade" (SILVA; MOURA, 1995, p. 22).

Já o Bar Alternativo, descrito como outro local de observação, congregava um público diversificado com uma forte presença de pessoas que se identificavam, sobretudo, com a música. Era um local frequentado por *gays*, lésbicas e simpatizantes, no entanto, existiam censuras em relação às manifestações de carinho, como beijo, abraços ou carícias mais íntimas.

O Clube dos Diários, localizado na Praça Pedro II, no centro da cidade é citado como um espaço onde eram realizadas festas *gays* como a Conexão Bine – Iubita-Party. Silva e Moura (1995) caracterizam essa festa como "[...] uma noitada hipnótica povoada e embalada por excêntricas figuras [...]", deixando os frequentadores ansiosos, criando uma forte expectativa em relação ao dia da festa. Era um novo modelo que até então era desconhecido na cidade. Foi pensado pelo produtor cultural Jorginho Medeiros, em 1994, após conhecer o cenário europeu marcado pela música

---

6 O nome era L.N. por ser localizada na rua Lizandro Nogueira, no centro da cidade.

eletrônica. Era realizada uma vez por mês e contava com um público bem diversificado.

Tinha-se, então, a ideia de uma noite alternativa, com muito colorido, diversão, música eletrônica em lugares inusitados como "[...] o Clube dos Diários, na época, um clube decadente e arruinado fisicamente, no Cabaré da Pretinha ou na casa de entretenimento adulto Beth Cuscuz. Também tinham lugar em casas abandonadas e em estacionamentos" (GALLAS, 2013, p. 100). O modelo dessa festa traz elementos novos para configuração das festas, como o uso de *flyers*, *DJs*, *drag queens*. Em relação ao nome da festa, deparei-me com duas denominações que não diferem muito. A primeira é tratada por Silva e Moura (1995) como: Tá Boa Santa? Já na pesquisa realiza por Gallas (2013), na qual ela teve a oportunidade de conversar com Jorginho Medeiros, argumenta que o produtor cultural a informou que o nome *Bine Iubita* fora extraído de uma expressão romena que significa "Tá, meu bem!".

Silva e Moura (1995) realizaram, além das observações, dez entrevistas com pessoas homossexuais. Cinco mulheres e cinco homens que frequentavam assiduamente esses espaços e festas citados. Segundo as autoras, os perfis das pessoas entrevistadas seguiam certo grau de instrução, pois possuíam o segundo grau completo, nível superior completo e incompleto, algumas tinham pós-graduação. Eram pessoas pertencentes às camadas médias, com distintas profissões, desde artistas, arquitetos, funcionários públicos federais, professores, comerciários, profissionais liberais ou estudantes que tinham entre 20 e 40 anos.

A concepção de gueto apresenta diferentes significados no contexto da pesquisa. É visto como um lugar democrático onde é possível ter um a liberdade de ação, possibilitando encontrar os pares, as paqueras, divertir-se. No entanto, ao final da noite, "[...] percebemos nos guetos certa melancolia estampada nos rostos das pessoas, uma espécie de ressaca moral" (SILVA; MOURA, 1995, p. 29), relacionada à frustração por não ter encontrado uma companhia. Por outro lado, refere-se ao difícil processo de desvencilhamento da socialização marcada pelos padrões morais heterossexuais. A imagem do gueto não é construída de forma homogênea. Se, por um lado, ele oferecia uma maior liberdade de ação, por outro, instituía códigos que o regulavam. Assim, quando uma pessoa ultrapassava os limites estabelecidos pelo próprio gueto tinham as ações censuradas. Existia uma ordem, e quem a transgredisse, tornava-se alvo de críticas. Não havia uma concordância sobre a "separação" entre lugares heterossexuais e homossexuais. Algumas pessoas homossexuais entrevistadas colocaram que deveria existir uma superação da ideia de "separação" entre os lugares. Outras afirmaram frequentar somente os guetos. Através da observação, as

pesquisadoras demonstraram que algumas entrevistadas frequentavam os lugares heterossexuais como uma forma de "obrigação moral", terminando a noite nos lugares de sempre, o gueto.

Em relação à estrutura e ao atendimento, as pessoas homossexuais reclamavam da falta de segurança, dos altos preços e dos péssimos serviços. Afirmaram que pela falta de opção, frequentavam aqueles lugares carentes de uma reforma que possibilitasse um conforto. Frequentar tais lugares, para alguns, não significava clandestinidade, ou seja, o gueto não era clandestino no sentido de ser escondido, pois era aberto ao público em geral e, a partir do momento que alguém entrasse naqueles locais, já estava se expondo, sobretudo, por se localizarem no centro da cidade. Porém, a observação mostrou que o gueto também representava um desafio à ordem estabelecida, provocando um estado de excitação em transgredir a ordem, em frequentar o proibido, o diferente.

A alegria no gueto é outro eixo analisado. As pesquisadoras argumentam que a esse sentimento está associado à possibilidade de poder expressar a "identidade homossexual", os desejos e as vontades. Tal sentimento estaria expresso de forma mais acentuada nos homens homossexuais, principalmente na figura "folclórica da bicha louca" que representaria naquele contexto tudo que a sociedade espera do homossexual. A caricatura da "bicha louca" representava o "fazer rir", para amenizar a agressão vivenciada nos ambientes heterossexuais. Dessa forma, "o mundo *gay*" era, aparentemente, mais alegre, tão verdadeiro e efêmero como o "mundo heterossexual". Se por um lado, era possível extravasar as angústias e os anseios, por outro, existia uma tristeza por não poderem expressar cotidianamente suas vivências homossexuais.

O significado apreendido sobre a concepção da homossexualidade através das observações entrevistas e conversas informais indicaram sobre a relação entre o medo, a solidão e a não institucionalização do casamento homossexual no país por parte dos homens homossexuais, ou seja, acreditam que por serem homossexuais tinham como destino a solidão. Eles expressaram desejo de uma institucionalização das relações. Já as mulheres homossexuais, embora reconhecessem as dificuldades das relações, acreditavam que os relacionamentos homossexuais estavam baseados no amor, na vontade de estar e ficar juntos, o companheirismo. Elas expressaram a possibilidade de viver uma relação fora do padrão dominante, defendendo que as relações homossexuais eram vividas com muito mais intensidade se comparadas às relações heterossexuais.

O perfil dos homossexuais nos guetos foi o último eixo analisado. Silva e Moura (1995) constataram que os guetos de Teresina se tornaram

lugares frequentados por homossexuais de todos os segmentos sociais. Existia a presença do homossexual machão, da bicha louca, travestis, mulheres masculinizada (sapatão), da mulher homossexual afeminada (lésbica-*chic*). Os homens homossexuais tinham uma maior preocupação com a aparência física, com o poder econômico. Existia uma preocupação em torno da imagem, ou seja, quem brilha mais, quem anima, quem consegue ser mais *chic*, quem consegue ser mais diferente e original.

O gueto teresinense funcionava como o local de encontro para expressar a identidade. Contudo, as pesquisadoras destacam que não havia a intenção de criarem uma organização por parte dos homossexuais. Relatam que na década de 1980 houvera uma tentativa da formação do Grupo-*Free*, mas, motivados pelo medo e a exposição, o grupo não se consolidou. “Toda essa pesquisa só veio a confirmar que, embasando-se em argumentos morais enfraquecidos, a sociedade reprime, marginaliza e penaliza o homossexual no seu cotidiano” (Silva e Moura, 1995, p. 45).

As autoras finalizaram a pesquisa afirmando que as possibilidades de liberdade de ação dos homossexuais eram alvo de preconceito fora dos guetos e, assim, a procura por esse espaço se fazia necessária. Apesar do medo, da solidão, da desconfiança e do descredito, os homossexuais acreditavam no avanço de suas lutas cotidianas, com a possibilidade de conquistarem outros espaços na sociedade. Por fim, ressaltaram que o preconceito é advindo da falta de informação sobre as vivências homossexuais e que a imagem estereotipada, como a da “bicha louca” e a “do sapatão”, contribuíam para a configuração do homossexual no

imaginário social. Revisitar o texto de Silva e Moura, propõe-me refletir na elaboração dos seguintes questionamentos: Vinte anos depois, é possível falar em guetos em Teresina? Ainda existem esses espaços? Qual é a percepção das interlocutoras sobre os espaços de sociabilidade? Responder a essas perguntas é uma tentativa de atualizar as referências etnográficas sobre esses espaços na cidade de Teresina. Contudo, antes de seguirmos, é oportuno situar essa discussão dentro dos debates especializados sobre a formação no espaço urbano de zonas de ocupação vinculadas à orientação sexual, definindo-as como guetos *gays* até o contexto atual. Silva e Moura (1995) utilizaram o conceito de gueto tomando como referência Martin Levine (1979), e que foi inicialmente utilizado pela Escola de Chicago para denominar as redes de vizinhança habitadas por negros, judeus, italianos, ou seja, grupos de distintas nacionalidades no contexto norte-americano.

Edward MacRae, em 1983 publicou o artigo *“Em defesa do gueto”*, descrevendo logo nas primeiras linhas sobre uma certa explosão de comportamento homossexual na região central da cidade de São Paulo,

principalmente à noite, quando pessoas do mesmo sexo, principalmente homens eram vistos andando abraçados, entre beijos, como formas de saudação. O autor buscou refletir sobre o processo da crescente visibilidade conquistada pelos homossexuais depois da abertura política, o que possibilitou uma enxurrada de estabelecimentos diretamente voltados para o mercado gay promovendo mudanças nas vivências das relações homossexuais, nas formas de sociabilidade e na postura política na esfera da militância.

Tais mudanças eram observadas através do número crescente de pessoas que assumiam a identidade homossexual, apesar dos fatores sociais que o levavam a se ocultar, a ter medo, a sentir vergonha e cometer pecado ou até mesmo temer o desemprego e o afastamento por parte dos amigos. Nesse sentido, o “gueto era o lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social” (MACRAE, 1983, p. 56). Para além da possibilidade de encontrar parceiros, era o lugar da autoaceitação que acabaria afetando outras áreas da sociedade. Tratavam-se de espaços urbanos públicos ou comerciais, como parques, praças, calçadas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, casas noturnas, saunas.

Júlio Simões e Isadora Lins França (2005), ao revisitarem o artigo de MacRae discutiram sobre o percurso do “gueto” no mercado GLS na cidade de São Paulo, à luz do contexto marcado por uma ampliação e uma diversificação dos espaços de sociabilidade homossexual e das formas de expressão cultural e política das homossexualidades.

Ressaltaram que a concepção de “gueto” é enfatizada muito mais por sua dimensão política e cultural de espaço público, pois não existe no contexto das grandes cidades brasileiras a correspondência do “gueto” como um espaço fixo marcadamente segregado, de frequência exclusiva ou predominantemente homossexual:

> O que chamamos de “gueto” é algo que só pode ser delimitado ao acompanharmos os deslocamentos dos sujeitos por lugares em que se exercem atividades relacionadas à orientação e à prática homossexual. É preciso notar também que empreendimentos comerciais e ocupações (essa palavra tem sentido de tomada de espaços públicos ou não por sem-tetos) específicas de regiões da cidade estabelecem diferentes “guetos”, frequentados por sujeitos agrupáveis não somente pela orientação sexual, mas também por sexo, poder de

> consumo, "estilo", modo pelo qual expressam suas preferências sexuais e assim por diante. (SIMÕES; FRANÇA, 2005, p. 2).

Percebemos um diálogo com Nestor Perlongher (1987) que utiliza a expressão gueto *gay* para se referir aos sujeitos envolvidos no sistema de trocas do mercado homossexual e aos locais onde as atividades relacionadas com sua prática sexual (e geralmente existencial) são exercidas com frequência consuetudinária. A proposta do autor é mostrar que o uso de tal expressão abrande a área estudada, embora seu campo de ressonância fosse estendido conforme os deslocamentos das populações que o constituem. Em contraposição a Levine (1979), a noção de "ghetto" não tem limites geográficos precisos e, sim, flutuantes e nômades que acompanham os movimentos reais das redes relacionais que aspira significar.

Através desse diálogo, Simões e França (2005) propõem a utilização das categorias como "manchas" e "circuitos", com a intenção de dar conta da lógica de implantação e utilização de aglomerados de estabelecimentos e serviços na paisagem urbana, seguindo as concepções de territorialidades itinerantes e flexíveis. Essa foi uma escolha teórica mais adequada para a empreitada de descrever sobre o "gueto homossexual" nas grandes cidades brasileiras.

Em seguida, argumentaram que não pretendiam esboçar uma análise detida das mudanças que alteraram as expressões culturais, sociais e políticas da homossexualidade desde a época da escrita do artigo de MacRae, no entanto, destacaram dois fenômenos de alcance mais amplo: o impacto social da epidemia HIV-Aids e a crescente importância do mercado na promoção e difusão de imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associados à política de identidades e às emergentes culturas identitárias homossexuais.

A epidemia, se por lado deixou um rastro de morte e estigma por outro proporcionou mudanças em relação à discussão pública sobre a sexualidade e "deixou também, como legado, uma ampliação sem precedentes da visibilidade e do reconhecimento da presença socialmente disseminada do desejo e das práticas homossexuais" (SIMÕES e FRANÇA, 2005, p. 3). Trouxe para a ordem do dia uma polifonia de informações sobre questões, como as doenças venéreas e o uso de preservativos, deixando-as fora da "clandestinidade". É importante ressaltar que esses debates promoveram uma "revigorada" na militância que procurou se (re)organizar frente às instituições governamentais com o intento de discutir e formular políticas públicas no campo da saúde e no combate à violência.

Outro fenômeno a considerar é a importância do mercado e a difusão dos meios de comunicação especializados, como revistas, jornais, editoriais, agências de turismo e de namoro voltadas ao público homossexual, assim como seções dedicadas à homossexualidade em grandes jornais, livrarias, editoras e agências de viagem. Somam-se a isso, as inúmeras oportunidades de sociabilidade, através das salas de bate-papo dirigidas à homossexualidade.

Percebe-se, então, um movimento direcionado para o mercado e para a mídia, marcantes na década de 1990. Nesse sentido, a articulação dos debates públicos sobre sexualidade e a homossexualidade abriu espaço para outras configurações de mercado:

> Desde meados da década de 1990, o que se conhecia como o "gueto" homossexual começa a se transformar num mercado mais sólido, expandindo-se de uma base territorial mais ou menos definida para uma pluralidade de iniciativas, que não deixam de comportar um circuito de casas noturnas, mas que também envolve, hoje, o estabelecimento de uma mídia segmentada, festivais de cinema, agências de turismo, livrarias, canais de TV a cabo, inúmeros sites, lojas de roupas, entre outros [...]. A segmentação de espaços destinados ao público homossexual acontece simultaneamente a um processo de multiplicação de identidades no interior do movimento GLBT: além das grandes categorias de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais assumidas pelo movimento homossexual, emergem também subgrupos, incentivados pela proliferação de fóruns e listas de discussão na internet e pertencentes principalmente ao segmento dos ***gays*** (grupos de advogados ***gays***, judeus ***gays***, adolescentes ***gays***, surdos gays, etc.). (França, 2007, p. 232-233).

Ainda nessa década, a categoria GLS foi implanta e difundida para designar "gays, lésbicas e simpatizantes". De acordo com Simões e França (2005) ela surgiu a partir da articulação do sítio Mixbrasil (criado em 1993, quando o que viria a ser a internet ainda era a rede BBS) e do festival de cinema de mesmo nome, inspirado no modelo do "*Gay and Lesbian Film Festival*", de Nova York. O "S" da sigla trouxe a ideia de congregar no mesmo espaço físico pessoas de múltiplas orientações sexuais, contribuindo para uma flexibilização das fronteiras do "gueto".

Localizo, por meio da flexibilização dessas fronteiras, o esforço empreendido por Silva e Moura ao analisarem a Configuração

Homossexual Teresinense. Os resultados dessa pesquisa demonstram pontos significativos: os diferentes sentidos atribuídos à noção de gueto, sinalizando tanto inclusão como exclusão; a superação da ideia de separar os espaços heterossexuais e homossexuais; a utilização da categoria GLS para demonstrar a circulação da diversidade de pessoas no mesmo espaço, como no Bar Alternativa; a configuração de festas marcadas por novos elementos, como a música eletrônica, o uso de *flyers*, *DJ´s*, *drag queens*, geralmente ocorridas em lugares inusitados.

Atualizando referências: do "gueto" ao mercado GLS

A região central da capital ainda congrega distintos espaços de sociabilidade dirigidos ao público GLS, onde é possível observar uma quantidade significativa de festas no decorrer da semana. Gallas (2013) cartografou os lugares de frequentação não heterossexual[7] em Teresina, identificando menos de quinze espaços localizados, em sua maioria, no centro, desde o extinto Mercearia *Pub* Bar até os locais de acesso restrito, frequentados pelo público homossexual.

Com o estilo de *pub*, o Mercearia, como era conhecido, localizava-se na Rua Eliseu Martins, próximo à Praça João Luís Ferreira, com uma simples fachada decorada com uma placa estreita no sentido vertical com o nome do lugar. O funcionamento se dava estritamente no horário noturno, geralmente depois das 22 horas. O estilo das festas variava conforme a atração e os dias da semana. No período de campo, este não foi um espaço eleito pelas interlocutoras e por esse motivo não explicitarei uma descrição detida, no entanto, elas ressaltaram a sua importância no contexto local, sobretudo, no início dos anos 2000.

Em diferentes momentos escutei sobre a festa Hooligans como uma das mais interessantes que ocorria no Mercearia. Tratava-se de um projeto criado por Fabiano de Cristo, na época estudante de publicidade de uma faculdade particular. Foi em uma noite de julho de 2011, no apartamento de Lúcio, amigo da Dara que escutei precisamente sobre essa festa. Não foi uma simples conversa que eu observei entre os amigos e, sim, uma forma de se colocarem em posições distintas diante daquela festa. Consideravam-se "os modernos", tanto por "curtirem" as músicas como os estilos, aliás, são considerados como pessoas que Apesar dos interlocutores de Gallas denominarem os locais como bares ou gays, ela

7 Apesar dos interlocutores de Gallas denominarem os locais como bares ou gays, ela optou por considerá-los como locais preferencialmente frequentados por não-heterossexuais com a intenção manter uma coerência com as demais manifestações sociossexuais e afetivas, que fogem do modelo heterossexista e heteronormativo.

optou por considerá-los como locais preferencialmente frequentados por não-heterossexuais com a intenção manter uma coerência com as demais manifestações sociossexuais e afetivas, que fogem do modelo heterossexista e heteronormativo.

lançaram tendências naquele contexto, em relação às formas de se vestirem e ao gosto musical. Lúcio e Dara descreveram essa festa como de "vanguarda", começando pela escolha do dia, a quinta-feira, que era um dia morto na cidade em termos de festa. O formato da festa era o seguinte: geralmente ocorriam discotecagens por pessoas que não profissionais da música, como *DJ*. Qualquer pessoa tinha um livre acesso para comandar alguns minutos ou horas a festa. Inicialmente, o público era composto pelos amigos do Fabiano, contudo, foi crescendo e ampliando a quantidade de pessoas, chegando ao número de 300 pessoas.

Segundo Lúcio, as pessoas que frequentavam o Mercearia no dia dessa festa, principalmente no início, não estavam preocupadas se o público era *gay* ou não, o interesse era na música, na dança, na diversão, na pluralidade de estilos:

> Era uma festa que só tinha pessoas bonitas e estilosas. Eu e Lúcio tínhamos visto festas assim quando fomos a Fortaleza. Quando surgiu a ***Hooligans*** foi massa porque era som que curtíamos. Depois, quando ficou mais popular também perdeu seu encanto. (Dara)

> [...] então todo mundo queria dançar rock rol , então tinha um cara que curtia mais música black, então tocava samba rock e sabe [...] esse outro lado de Teresina também é muito interessante porque eu achava as pessoas muito modernas sabe, tem foto que você olha ... e pô, isso aqui é uma festa em Londres por causa das pessoas que frequentavam, a maneira como elas iam vestidas, a música sabe e tinha uma identificação muito grande. Tocavam bandas de rock, banda ***indie***, bandas independentes, eletrônico (Lúcio).

O idealizador do projeto Hooligans encerra a agenda dessa festa. Segundo Gallas (2013), com a desistência de Fabiano, o DJ Naldo Morais começou a cuidar do projeto e criou a Mosh[8], inicialmente, mantendo

8 A Mosh se tornou uma festa caracterizada por executar músicas pop. Atualmente ocorre às sextas-feiras no espaço Trilhos, localizado na estação do metrô na Avenida Miguel Rosa.

a proposta de rock indie. Posteriormente, com a presença constante de aspirantes a DJ's, o pop prevaleceu. Era uma festa com um público predominante gay e pouco frequentada pelas interlocutoras desta pesquisa. Afirmam que era uma festa não atrativa por ter um público adolescente.

Tomando como referência a Praça João Luís Ferreira, no centro da cidade, encontramos em seu entorno, além do Mercearia bares de calçada, como o Bar Lambda, localizado na rua 7 de Setembro. A estrutura do estabelecimento é simples: as mesas ficam dispostas na calçada, não ultrapassando o número de vinte. Geralmente é no final da tarde que o bar "aparece" com as mesas dispostas, pois durante quase todo o dia permanece fechado, de forma que passa despercebido entre os prédios comerciais e agências de viagens. Com o estilo music in box, a animação é variada conforme a música escolhida.

É um local conhecido como esquenta, ou seja, significa que é ali onde começa o início da saída noturna, tomando alguma bebida antes do destino principal da noite, geralmente iniciando a partir das 22 horas. Segundo Gallas (2013), os frequentadores ficam em suas mesas, bebendo sozinhos ou acompanhados, mas interessados em estabelecer contato por meio da conversa. É o que atrai os homossexuais mais maduros. Há uma frequência bem equilibrada de homens e mulheres de idade superior a trinta anos.

Na mesma área, no sentido centro-norte encontramos outro bar de calçada, chamado PL24, com uma extensão de calçada maior, porém com um número de mesas inferior, se comparado ao Lambda. Na parte interna encontram-se dois banheiros dispostos ao lado direito e ao lado do balcão que separa o pequeno salão do espaço onde ficam os freezers de bebidas. Ao fundo desse, uma pequena cozinha foi instalada. A iluminação no pequeno salão é feita por um jogo de luz. No canto esquerdo, diametralmente oposto aos banheiros, encontra-se um box in music. Esse é um lugar estratégico para uma paquera. A presença de mulheres heterossexuais ou lésbicas é ínfima em relação à presença dos homens gays com a faixa etária variada.

Ainda nesse sentido geográfico, próximo à Avenida Campo Sales, em um prédio simples e antigo, localiza-se o Zum Zum Bar. A entrada é simples, sem uma bilheteria específica. Ao entramos, deparamo-nos com o balcão do bar à esquerda, com pouca iluminação, formando o primeiro ambiente do bar com mesas cadeiras. Em seguida, outras mesas são dispostas em um sentido horizontal até chegar ao pequeno palco. Anteriormente, nesse segundo espaço funcionava uma piscina, dando nome ao antigo estabelecimento: Piscina's bar. Quando esse fechou as portas, os novos proprietários mantiveram as estruturas laterais da piscina

para servirem de balcão em ambos os lados, direito e esquerdo, findando antes do palco. Esse é ponto que marca o terceiro ambiente, que é aberto. A entrada é cobrada somente em dias de festa. Não é um roteiro frequentado assiduamente pelas minhas interlocutoras, no entanto, quando as atrações das festas são cantoras assumidamente lésbicas, elas comparecem.

Em torno da Praça do Fripisa, região central, localiza-se o bar/boate Estacionamento, na Rua Quintino Bocaiuva, próximo ao edifício do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Enquanto bar recebe um público diversificado desde as pessoas que trabalham no centro que por lá param após o horário do expediente, aos estudantes do ensino médio e universitários. Já como boate, o público se torna ainda mais diversificado, dependendo da atração, contando com gays, lésbicas e travestis. Caracteriza-se ela presença de mulheres com uma faixa etária mais ampla - dos 17 aos 48 anos - sendo essas mais pretas e pardas, dos estratos populares com menor poder de consumo e masculinizadas, formando pares a partir da diferenciação de atributos feminino e masculino. É um local fechado, de entrada única, com um salão apertado e escuro, e um segundo salão com algumas partes abertas. As mesas são dispostas por todo o espaço. Gallas (2013), ao cartografar esse lugar, diz o seguinte:

> As mesas são espalhadas pelo espaço, quase uma tocando na outra. Normalmente, a maior parte do público é de bairros mais distantes do centro. A música usualmente é de funk carioca, pagode e eventualmente, a casa também contrata DJs para executar música eletrônica no espaço. A confusão de pessoas comprimindo-se no espaço dá uma aparência de "inferninho" que incomoda alguns homossexuais que entrevistei.

A representação de "inferninho" aparece no meu campo de estudo, no entanto, as interlocutoras o frequentaram na ocasião de um *show*, no qual eu não estive presente, uma vez, que ainda não estava inserida em campo. Escutei sobre essa determinada saída, certa vez, conversando com Dara quando essa explicava-me que havia ido ao Estacionamento somente por causa da atração musical.

Fora da região central outras festas foram surgindo em boates estruturadas com um maior conforto, ainda que fossem pequenas. Entre 2009 e 2010, a boate Cenário Club, localizada na Avenida Nossa Senhora de Fátima, despontou como uma nova aposta de espaço transitório. Em 2009, Dani Jales, jornalista, fotógrafa e *DJ* promoveu a festa "Devassa", atraindo

um número significativo de pagantes, com um público mais jovem. Por se tratar de uma festa temática, cada edição era pensada a partir de um tema, por exemplo, em 2011 foi realizada a “Devassa Morangosa”, no *Atlanticy Club*. Recebeu esse nome por receber como convidada uma lésbica *vip*, a “Morango” (Ana Angélica Martins), ex-participante do *reality show* exibido pela Globo, *Big Brother* Brasil.

Nessa linha, aconteceram outras festas, como a “Baba Jaga” e “Safo”. A primeira foi idealizada por Dayse Falcão, *DJ* Samdrade, Lucas Mancinni e pela *DJ* Marg Toledo. Essa, produzindo a segunda com outras parcerias. Tais festas aconteceram em lugares diferentes. A última edição da “Safo” ocorreu no *Spative*, antiga Mansão da Beleza, localizada na Rua Juiz João de Almeida no bairro Ininga. Em 2013, foi inaugurada a Reserva *Pub*, localizado na Rua Desembargador Mota, Q1 C1, no bairro Monte Castelo, zona Sul da cidade. Recentemente, no centro, próxima a antiga boate Mercearia, foi inaugurada a *Heaven Pub*. Estas duas atrai um público diverso dependendo da atração musical. Esses espaços não são fixos, em relação a permanecia dos estabelecimentos. Portanto, assistimos as constantes aberturas e fechamentos desses espaços.

Com efeito, a dinâmica desses espaços está atravessada pelos processos contemporâneos que marcam as cidades como a mudança da percepção da lógica do tempo, a partir de transformações na vida individual e social, no âmbito trabalhista através de uma restruturação dos hábitos de trabalho, evocando a disciplina e uma nova natureza humana. Nesse sentido, a cidade tronou-se uma forte representação desses novos horizontes (THOMPSOM, 1998), no quais, os espaços e lugares que conformam a cidade estão em processo, em movimento.

Assim, a cidade é vista como uma construção social onde as crenças têm um papel fundamental, ou seja, a cultura é campo social onde os conflitos sociais se expressam de maneira mais forte (WILLIAMS, 2000) nos quais existe uma reivindicação que o indivíduo preservar a sua autonomia e individualidade e subjetividade em consonância com a complexidade das sociedades moderno-contemporâneas com uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão (SIMMEL, 1967; VELHO, 2003).

Considerações

É interessante acompanhar as temporalidades históricas e espaciais quando nos referimos à sociabilidade GLS e LGBT’s para pensar as situações de sociabilidade no tempo e no espaço. Ao serem reconstruídas as trajetórias das nossas personagens que vivenciaram o período o que se convencionou chamar “gueto” e, atualmente, frequentam outros espaços de “sociabilidade fora do gueto” (FACCHINI, 2008; MEINERZ, 2011; OLIVEIRA, 2012).

Para fins de um recorte metodológico sobre os espaços, eu optei por mapear aqueles frequentados nas idas a campo, a convite das interlocutoras. Nesse sentido, destaco três universos: os encontros que chamo aqui de particulares, como os almoços, jantares, sessões fílmicas nas casas, apartamentos e sítios; o universo dos cafés, Café Mais e o Café Expresso, ambos localizados na Zona Leste; e o terceiro que são os restaurantes e bares, especialmente, os localizados na Zona Leste da cidade, como o Água de Chocalho, Coco Bambu, Clube da Esquina, Café Del Mar, Boteco, o Seu Boteco, para citar alguns.

Referências

ARAÚJO, Cristina Cunha de. **Trilhas e estradas**: a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980) [manuscrito] / Cristina Cunha de Araújo. – 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras**: mulheres, homossexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 2008. Tese (Doutorado)- Pós-Graduação em Ciências Sociais. UNICAMP. Campinas: 2008.

SIMÕES, Júlio Assis e FRANÇA, Isadora Lins. Do Gueto ao mercado. In: GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo. (orgs.) **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo, Editora Unesp, 2005.

GALLAS, Ana Kelma Cunha. **Redes de Sociabilidades Gays em Teresina**: Lógicas e Estratégias de pertencimento. (Dissertação de mestrado) - Programa de pós-graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, 2013.

LACOMBE, Andrea. “Tu é ruim de transa!” ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro. In: DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Garamond, 2009, p. 373-392.

MEINERZ, Nádia. **Entre mulheres**. Etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. 194 p. (Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade. Homossexualidade e Cultura).

OLIVEIRA, Jainara G. de. "De perto e de dentro". Um olhar antropológico sobre o acesso a saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em Maceió/AL. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção** (Online), v. 11, p.737-812, 2012.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

SILVA, Adriana Araújo; MOURA, Diana Márcia Lima Verde. **Teresina, mostra tua cara!** Configuração da realidade homossexual teresinense. Monografia de Graduação do Curso de Serviço Social; Universidade Federal do Piauí, Teresina, 1995.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Otávio Gilberto (Org.). **O fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1967.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1973

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.